

**141 > Pia de água benta [dita *Erra Velha*]**

Trabalho português

Séculos XVI [taça] – Século XIX (segunda metade) [coluna, base]

Mármore, calcário; A. 114 cm; L. 51,8 cm; Pr. 35,1 cm

Igreja de São Mateus, Paróquia de São Mateus, Erra, Coruche

O uso de pias de água benta nas igrejas, bem documentado desde o tempo do papa São Dâmaso [reg. 625-657],<sup>1</sup> difundiu-se especialmente a partir do século IX, pouco depois da introdução da solene aspersão dominical, instituída em França nos meados da centúria anterior.<sup>2</sup> Ao contrário do que se tem afirmado, estes vasos não vieram substituir o *cantharus* ou *mallavium* que existia antigamente no centro do átrio das basílicas e se destinava a que, quando alguém entrasse no templo para orar, pudesse lavar, com água simples, as mãos e a cara, em sinal de purificação interior, como ainda ocorre nas mesquitas;<sup>3</sup> na realidade, a sua origem esteve associada ao desejo de oferecer aos fiéis a possibilidade de se persignarem com água benta e, caso não tivessem assistido à aspersão dominical, de a levarem para casa, por devoção.<sup>4</sup>

É interessante observar que o segundo dos *Capitula* de Hincmar de Reims [✠ 882] determina que em cada domingo os reitores das igrejas, antes da missa cantada, bendigam a água «in vase nitido et tanto ministerio conveniente; de qua populus intrans ecclesiam aspergatur, et qui voluerint in vasculis suis nitidis ex illa accipiant». Podemos coligir daqui que a água benta se deixava na igreja à disposição dos fiéis.<sup>5</sup> Inicialmente utilizaram-se recipientes portáteis, os quais passaram a ser fixos no século XI, vulgarizando-se a sua presença durante a centúria seguinte.<sup>6</sup> Por outro lado, muitos sínodos medievais insistiram em que estas bacias se deviam conservar limpas, renovando o seu líquido com frequência, pelo menos uma vez por semana.<sup>7</sup>

Foi já no crepúsculo da Idade Média que ganhou foros o costume de mandar esculpir uma ou várias figuras humanas – ou antropomórficas – na coluna e mesmo na taça dos reservatórios de água benta.<sup>8</sup> Em França tornaram-se célebres as pias da região dos Pirenéus, em geral mais baixas do que o comum e reservadas a um estrato marginal da população, os *cagots*, descendentes de leprosos, apontados por isso como impuros, que se tinham de servir da água com o auxílio de um hissope, já que lhes era vedado mergulhar nela os dedos.<sup>9</sup> O exemplar que se conserva na igreja de Saint-Savin-de-Lavedan, datado da primeira metade do século XV, mostra um daqueles *beatos* que viviam da mendicidade.<sup>10</sup>



São Mateus.  
Escultura em madeira policroma.  
Século XVI (segundo quartel)

<sup>1</sup> ENLART, 1920, p. 902.

<sup>2</sup> RIGHETTI, 1956, p. 530.

<sup>3</sup> LESAGE & MA[RSILI], 1956, p. 10, col. B.

<sup>4</sup> RIGHETTI, 1956, p. 530; OPP[ENHEIM], 1958, p. 219, col. A.

<sup>5</sup> RIGHETTI, 1956, pp. 530-531.

<sup>6</sup> BARREIROS, 1917, p. 261.

<sup>7</sup> RIGHETTI, 1956, p. 531.

<sup>8</sup> MATTHIAE, 1948, col. 240.

<sup>9</sup> ENLART, 1920, p. 906.

<sup>10</sup> FLIPO, 1930, p. 289-290.

As peças com este tipo de imagens são raras no nosso país, mesmo em tempos menos recuados, pelo que merece particular destaque a que se conserva na igreja da Misericórdia da Erra, localizada no centro da histórica vila. A sede da paróquia passou a funcionar neste templo quando a igreja matriz, muito prejudicada pelo terramoto de 1858<sup>11</sup> – ao contrário do que sucedera em 1758 –,<sup>12</sup> deixou de poder ser utilizada.<sup>13</sup> Procedeu-se então à deslocação de quase todo o acervo de alfaías para aí, incluindo a escultura do orago, São Mateus (exímia obra em madeira policromada do segundo quartel de Quinhentos, da autoria de um mestre perfeitamente familiarizado com a produção da oficina conimbricense de João de Ruão), que apresenta o evangelista a escrever sobre um *volumen* sustentado por um anjo, o seu atributo mais frequente.<sup>14</sup>

Entre os objectos movidos nessa ocasião conta-se a notável pia de água benta, à qual Gustavo de Matos Sequeira dedicou um breve comentário no tomo do *Inventário Artístico de Portugal* relativo ao distrito de Santarém:

«A pia de água benta é curiosa. Em vez de coluna, possui uma figura de quase total relevo, com os braços cruzados acima da cabeça, e são eles que sustentam a taça. O povo chama a esta figura, a *Erra Velha*. Evidentemente trata-se de uma apropriação.»<sup>15</sup>

Apontamento esse que teve eco nos *Tesouros Artísticos de Portugal*, obra colectiva dirigida por José António Ferreira de Almeida:

«No interior [da igreja] encontra-se uma original pia de água benta, da mesma época, em cujo fuste está esculpida uma figura antropomórfica, com os braços cruzados sobre a cabeça, sustentando o cálice. O anel é formado por uma pequena concha.»<sup>16</sup>

O conjunto que estudamos singulariza-se pelo homúnculo, ao modo de atlante, que lhe serve de fuste, talhada em médio-relevo num bloco delgado de calcário, deixando ver por detrás a estrutura da coluna, assente por seu turno numa base de calcário, de desenho rectangular, chanfrada.



<sup>11</sup> RIBEIRO, 1959, p. 162, nota 2.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 312.

<sup>13</sup> BROTAS, 2000, pp. 14-17.

<sup>14</sup> RÉAU, 1997b, pp. 372-373.

<sup>15</sup> SEQUEIRA, 1949, p. 33, col. A.

<sup>16</sup> ALMEIDA, 1976, p. 234, col. B, s. v. «Erra».

Sobre o cruzamento dos seus braços nasce uma concha cujas extremidades a estranha figura prende com as mãos gigantescas, hoje truncadas. É em cima deste elemento, já de si evocador da água, que repousa a taça de mármore meticulosamente brunido, de configuração também rectangular, com os cantos boleados e uma leve molduração na orla. Ainda hoje as pessoas antigas da terra dão à invulgar imagem o nome de *Erra Velha*<sup>17</sup> – por certo devido à associação com a igreja velha a que fizemos referência –, vislumbrando nela uma representação da suposta fundadora da histórica vila de Erra. O carácter feminino talvez lhe venha da leve sugestão dos vultos dos seios, que parecem emergir do tronco disforme.

Posto que se tenha querido fazer recuar a origem da pia em apreço ao período manuelino, uma observação atenta da mesma denota que se trata, de facto, de uma peça compósita, cujo suporte antropomórfico terá saído das mãos de um canteiro da zona que usou como modelo o anjo do *São Mateus*, interpretando-o segundo os seus discretos recursos artísticos. Tal torna-se bem visível na posição dos braços (que se cruzam um pouco mais abaixo do que no protótipo, sobressaindo do bloco fundeiro), nos cabelos encaracolados e, inclusivamente, na túnica de gola redonda, recriada agora sem pregas e com o acrescento do pormenor anatómico do umbigo, inverosímil em alguém vestido. É também assaz curiosa a modelação da face, com as arcadas supraciliares hipertrofiadas, os olhos salientes, as maçãs-do-rosto alteadas, o queixo marcado por duas protuberâncias e a boca levemente aberta num *riktus* apelativo que deixa ver os dentes, transmutando a suave expressão sorridente do enviado do Céu que vemos na escultura quinhentista. Resultou de tudo isto um ser de linhas rudes, algo grotescas, mas com o encanto próprio da arte vernacular. Para tornar mais fácil a articulação plástica entre o recipiente e o fuste, este foi rematado pela concha que o monstro agarra.

A regularidade do trabalho da taça, talhada numa pedra mais nobre, permite considerá-la um elemento pré-existente, datado do século XVI, como se deduz da sua estrutura, e por certo oriundo da matriz destruída, que foi reaproveitado depois de 1858 na igreja da Misericórdia, encomendando-se nessa ocasião, a um artista regional, a peça que lhe serve de sustentáculo. A base parece datar também do mesmo período. Esta cronologia tardia coaduna-se perfeitamente com as características da escultura, em que é evidente a popularização de formas herdadas do repertório do Barroco Tardio e do Rococó, muito de acordo com o gosto eclético do tempo – o que em nada diminui, cumpre acentuá-lo, o seu interesse.

JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO

<sup>17</sup> BROTAS, 2000, p. 17.